

## Cada qual com o seu dele

### Núcleo de Estudos: a extensão como aprendizado

#### Aylton Segura\*

Em jornalismo a pergunta “pode?” se auto-responde com “pode!”. Essa forma de abordagem incentiva a criatividade e a autonomia do estudante de jornalismo. Não é raro o estudante inexperiente nas práticas profissionais se limitar ao seu repertório, que não escapa ao senso comum daquele que desconhece o processo de elaboração do jornal, da pauta à edição final. Por isso a redundância pergunta/resposta, quase uma *volta estranha*, é necessária para levar o estudante, conhecedor apenas dos padrões convencionais de jornais diários, a desenvolver um pensamento processual que vai da primeira abordagem do fato à matéria editada. A intenção é afastá-lo da repetição de fórmulas prontas, que acaba sendo inevitável quando ele, estudante, toma o jornal como principal referência. A proposta é fazer do aprendizado um caminho para a reflexão sobre o jornal, isento de todas as pressões que inevitavelmente se acumulam nas redações.

Esse jogo de “pode?/pode!” na verdade vem acompanhado com os conceitos que justificam o exercício da profissão. Um deles, com origem na escola funcionalista, tem-se mostrado adequado para o entendimento da razão de ser do jornalismo. Expresso por Harold Lasswell, em 1948, e resgatado por Matelart<sup>1</sup>, conceitua o papel da comunicação e por extensão do jornalismo em três funções:

- “a) a vigilância do meio social, revelando tudo o que poderia ameaçar ou afetar o sistema de valores de uma comunidade ou das partes que a compõem<sup>2</sup>;
- b) o estabelecimento de relações entre os componentes da sociedade para produzir uma resposta ao meio, e
- c) a transmissão da herança social.”

A primeira das funções é reveladora de mecanismo regulador de intenções e significâncias. É o que transporta para as primeiras páginas o crime e a corrupção. A segunda estabelece padrões de um processo interativo, revela a dinâmica dos modos e razões de ser. E a terceira resgata o papel da imprensa como o cartório identificador da civilização e o legitimador do processo cultural, num espectro que abrange do show business à fabricação da rapadura.

Agregada a esses fatores temos a concepção de que o jornalismo vive dos conflitos que se estabelecem no contexto social. Ele é o reflexo e a representação da sociedade. Isso quer dizer, ao mesmo tempo, que a sociedade é o que está no jornal e o que está no jornal é a sociedade. Os conflitos se estabelecem com a ação (ou inação) que determina um fato. E essa ação pode se apresentar concluída ou em processo de realização<sup>3</sup>.

Esses conflitos formam o *fato* que vai se constituir na matéria-prima do jornalismo, uma vez que tomamos como definição que o jornalismo é uma abordagem de fatos sociais. Podemos supor o fato, metaforicamente, como uma espécie de DNA da notícia e de todas as manifestações do jornalismo. É ele que vai estruturar e dar identidade ao tecido social. Para isso o fato sempre se manifesta na matéria jornalística. Ele é o detentor dos códigos que vão determinar a representação social. É com base nele que se desencadeiam os processos de *difusão* (notícia), *interpretação* (reportagem), *argumentação* (opinião) e *reflexão* (crônica, comentário) que vão colocar em sincronismo as dinâmicas que envolvem a espécie humana e o desenvolvimento da sociedade e do indivíduo. O jornalismo, portanto, em sua execução coloca os espíritos humanos em comunicação e desenvolve cultura.

Com base nessa instância confusa é possível reverter a referência, que é encarada pelos alunos por meio do lugar-comum do mercado de trabalho, para a formação em instâncias de reflexão sobre o processo de elaboração das matérias jornalísticas, numa primeira instância, e do jornal, já na fase de edição. Dessa forma, a leitura de textos jornalísticos tende a mudar o conceito de que a teoria não se aplica à prática.

Esse processo possibilita a reflexão sobre a evolução das habilidades do jornalista. Com a regulamentação da profissão, em 1969, o jornalista teve a necessidade de agregar ao “faro” jornalístico a competência de escrever um texto tecnicamente adequado.

No início da década de 1970, os funcionários mais velhos da redação do jornal *Cruzeiro do Sul*, de Sorocaba, alertavam: “para ser jornalista agora seria necessário saber escrever”. Por mais estranha que fosse a recomendação, ela se justificava porque ainda era fresca a lei que havia regulamentado a profissão e os jornalistas da casa seguiam aquele caminho natural de começar na revisão de originais, na gráfica, e então migrar para a redação. Até então a figura do repórter, aquele que tinha o faro da notícia, bastava para o exercício da profissão. Até então...

A teoria acompanhava esse processo. Circulava pela redação o livro *Jornalismo para Principiantes*, de Nabantino Ramos. Sua leitura era pré-requisito para o recebimento de influências técnicas de jornalistas mais velhos como Sergio de Oliveira, então editor-geral do jornal e repórter especial de *O Estado de S. Paulo*, e Geraldo Bonadio, uma espécie de editor de cultura que perseguia incansavelmente a história do tatuiense Paulo Setúbal, a ponto de tornar-se, à época, um dos principais vencedores do concurso de monografia sobre o jornalista republicano, organizado por sua cidade natal, Tatuí. O resto era puro autodidatismo e muita leitura, não exatamente de manuais técnicos.

Liam-se os clássicos de jornalismo, como a *História da Imprensa no Brasil*, de Nelson Werneck Sodré, outros de Luiz Beltrão, Juarez Bahia, que retratavam fielmente as técnicas aplicadas no cotidiano dos jornais. Eram verdadeiros achados, normalmente lidos fora da redação, como *Fome*, de Knut Hansun, todos os de Kafka que eram devidamente comentados na padaria do lado, onde, na falta de fast-food, comia-se sanduíche de quibe com pão, inventado por um linotipista do jornal: um pão francês cortado ao meio e turbinado com um quibe gorduroso que tirava o gosto da cachaça barata, tomada de um gole só.

Os cursos de jornalismo, na década de 1970, enfrentavam o mesmo problema atual. Não conseguiam fazer a ligação entre a necessidade teórica e a prática. O lead e sublead contribuía tecnicamente, mas afastavam o jornalismo da criatividade. Para quem fazia o curso para regularizar uma situação de fato era ótimo. Na Cásper Líbero, o curso ainda tinha um diferencial: os velhos professores repassavam experiências de uma maneira corporativista, semelhantemente talvez ao processo das guildas medievais. O professor José Geraldo Vieira relatava em suas aulas teóricas de cultura as experiências tidas durante o encontro anual que manteve por muitos anos com Jean-Paul Sartre, em Paris.

Uma vez diplomado, o jornalista saía a campo, onde, conversando com um, lendo com outro, trabalhando às vezes em três empregos, completava seu aprendizado. Para mim, a reforma da *Folha de S. Paulo*, na década de 1980, trouxe o *FiloFolha*, uma coletânea de textos que visava capacitar a redação para a erradicação do romantismo. O esforço gerou na época, a título de contestação, a frase: “a Folha não faz jornal, faz projeto”. O projeto de mil dias que se espelhava, por um lado, no *USA Today* e, por outro, no *Libèracion* ia sendo formatado em todos os cantos do país. Os textos com os quais a Folha capacitava seus repórteres e editores incluíam Truman Capote e Guy Talese e compensavam certas normas, como a obrigatoriedade de colocar a idade dos personagens e a rigidez das medidas de texto, que não ultrapassavam 40 linhas de lauda e se subdividiam, no delírio

de diagramadores, em tamanhos que variavam de 7,5 linhas ou 13,5 linhas ou, ainda, 21,5 linhas, como se a precisão de qualquer projeto gráfico comportasse frações como essas.

Em Cuiabá se vislumbrava uma área de cobertura de quase 1.000 quilômetros quadrados de extensão territorial. Era uma época em que os telefones nos municípios, quando existiam, eram em linhas precárias, os PS instalados na prefeitura da cidade. Funcionavam como um serviço de atendimento público: havia um mensageiro que recebia a ligação, calculava o tempo que ia demorar para dar o aviso e marcava hora para o retorno da ligação. Mas não era esse o único complicador.

A relação de tempo na produção do jornal ainda presenteava com um deadline adiantado em uma hora em função do fuso horário. A única compensação era que a responsabilidade das coberturas colocava o jornalista como um “clínico geral”, numa época em que o mote da sobrevivência do mercado era a especialização. Mesmo assim eu achava um privilégio cobrir Mato Grosso.

Eu me especializei em Mato Grosso na época dos processos de colonização. Uma coisa estranha, na medida em que formava um mix cultural entre o gaúcho e o pantaneiro. Colocava na mesma ervamate a água quente do chimarrão em cuias e a água fria do tererê servido em chifres de boi. O churrasco com sal grosso rivalizava com a paçoca de pilão. E, num crescendo, ampliaram-se os bailões da sensualidade do rasqueado com a presença solene do vanerão. Mato Grosso recebia levas e mais levas de colonos e chegou a crescer 15% ao ano. Vivia o caos da falta de infra-estrutura representada pela inexistência de estradas e de telefonia, ao mesmo tempo em que gerava municípios da noite para o dia. Na década de 1980, em menos de dez anos o número de municípios do estado subiu de 35 para 98, e depois para 148, nos anos 1990. Cada um deles era organizado mais longe do que o outro, miscigenando os hábitos do garimpeiro nordestino com o empreendedorismo dos criadores de gado da avenida Paulista e a saga aventureira dos sojicultores paranaenses e gaúchos que, até então, só tinham na cabeça a possibilidade da agricultura mecanizada dos cerrados.

### **Passou o tempo**

A internet me surpreendeu em sala de aula. O jornalismo impresso, que na década de 1970 deliciouse com as possibilidades do sistema off-set, enfrenta, a partir de 1998, o desafio de permanecer vivo com a inserção do jornalismo on-line no cotidiano. Esse desafio, abordado constantemente pelo jornalista e professor Manuel Chaparro<sup>3</sup>, dá conta que aos seus predicados o jornalista deve agregar

mais um: a partir do on-line, o repórter que num primeiro momento só dependia do faro jornalístico teve de aprender a escrever e agora deve pensar.

De qualquer forma eu estava isento dessa nova fase do jornalismo com o ingresso na academia, depois de suportar os principais desafios do mercado do período de 1969 a 1992 (quando foi regulamentada a profissão).

Ainda estudante eu havia aprendido que esses desafios não bastariam para recheiar as aulas de cases da profissão, como fazia Emir Macedo Nogueira na Cásper Líbero. A preocupação maior era que os alunos deveriam começar a criar seus próprios cases. E de preferência ainda na universidade.

Voltei ao mercado no período de 1995 a 2002, e isso me trouxe uma exposição muito grande perante os alunos, que cobravam coerência entre teoria e prática, tendo à frente alguém que pisava nos dois terrenos.

Percebi que não bastava relatar em aulas de edição que, ao editar o jornal *Folha do Estado*, o segundo no ranking de Mato Grosso, atrasamos o fechamento para dar no dia seguinte a premiação do Oscar, numa luta contra o tempo e disputando a notícia com a televisão. Até então a publicação dos contemplados saía só dois dias após a realização do evento, coberto ao vivo pela TV e noticiado intensamente no primeiro dia em todos os jornais televisivos. E muito menos se entendia por que os fins de semana começavam na sexta-feira pela manhã, com a programação do fim de semana publicada na capa do jornal, às vezes em mais da metade da página, e como fora feita pesquisa para demonstrar que nesse dia a cultura vende o jornal mais do que o noticiário policial.

Mais do que soluções criativas que atendiam ao jornal como empreendimento, eu vivia pressionado pelos alunos que buscavam as falhas no periódico para me questionar em sala de aula, com a pergunta: “se você acha que é assim, então por que não faz?”. Foram momentos de extrema vigilância de ambos os lados.

Dois anos depois, ao concluir o mestrado, optei por me dedicar exclusivamente à universidade, saí do jornal e resolvi enfrentar outra questão: como fazer para que os estudantes pudessem vivenciar a experiência sem interferência do mercado, que aqui em Cuiabá, tirando a experiência que eu realizava como editor da *Folha do Estado*, nem sempre conduz a uma reflexão sobre a profissão do jornalista.

A resposta veio na forma de um projeto de extensão universitária que se pautou pela criação de um Núcleo de Estudos de Jornalismo. Uma tentativa de posicionar a universidade em seu devido lugar, desviando o eixo de referência do mercado, em muitos casos limitado pela rotina diária, e trazendo-o para a academia, com a possibilidade de refletir sobre o fazer jornalismo.

Foi no Núcleo de Estudos que desenvolvemos uma rotina extra-sala de aula e, por meio da técnica de dinâmica de grupo, realizamos vários estudos sobre a cobertura jornalística. Longe de fazer um estudo teórico, analisávamos as coberturas jornalísticas e discutíamos o que poderia ser feito além daquilo que tinha sido realizado. Foi com esses estudos que constatamos que Domenico de Masi<sup>4</sup> era um personagem sem nenhuma proeminência para o jornalismo cuiabano que, durante a estada do teórico por aqui, noticiou timidamente sua palestra.

Descobrimos também que, nos jornais locais, o salmão canadense era mais importante para Mato Grosso do que os peixes do Pantanal, pois, numa mesma edição, uma reportagem de agência de notícias de aproximadamente 60 linhas mostrando os perigos que o peixe corria no Canadá rivalizava com a queda de uma carga de óleo nos rios do Pantanal, que oferecia risco ambiental de grande potencialidade, inclusive a matança de milhares de peixes.

Com isso íamos debatendo a cobertura diária e propondo formas de realizar o trabalho jornalístico. Evoluímos com o Núcleo de Estudos até realizar uma edição do jornal *Teorema*, criado para cobrir a reunião da SBPC com todos os seus desafios. Um deles, uma pauta de nanotecnologia, apresentou o dilema: como falar aos nossos leitores sobre a ciência do infinitamente pequeno? Como explicar a eles e tornar palpável ao entendimento do cidadão comum uma “mecânica” de dimensões infinitamente diminutas que começa a menos de um centésimo de bilionésimo de metro?

Após um brainstorm, a solução encontrada no grupo foi a de dar ao leitor antes de tudo uma idéia de grandeza. Pela aridez temática decidimos humanizar o relato. Aí veio o insight: o jeito era entrevistar um anão para apresentar uma referência de mundo com base num ponto de vista diferenciado. Ele apresentou sua percepção do mundo numa escala reduzida, e já diferenciada, que nos possibilitou trabalhar numa linha humanizada a questão das dimensões atômicas da nanotecnologia.

A cobertura de cultura também ocorreu de forma criativa. Para abordar o escritor Ricardo Guilherme Dick<sup>5</sup>, considerado um dos mais importantes do Brasil, mas ilustre desconhecido do grande público cuiabano, lançamos mão de Guimarães Rosa e apresentamos a matéria sobre o lançamento do livro

O *Salário dos Poetas* com o título “Você sabe quem é Ricardo Dick? Guimarães Rosa sabia”. Para falar da geografia das ruas que circundam a universidade, fomos buscar em “A Rua”, de João do Rio<sup>6</sup>, o modelo para dar vida à aridez de um espaço e atrair o interesse do nosso leitor.

O resultado dessa abordagem do jornalismo por uma via que não a sala de aula permitiu aos estudantes o contato com a realidade. A propósito, o sucesso do jornal *Teorema* foi consolidado com a venda de sua edição na SBPC por “jornaleiros” integrantes do Projeto Flauta Mágica<sup>7</sup>. Dessa experiência veio o *Pontosem Notícias*, jornal experimental que tinha a intenção de continuar o projeto fora dos muros da burocracia da universidade e oferecer ao estudantado uma prática diferenciada, optando mais pela cobertura cultural do que pelos “estágios” mal remunerados que ilusoriamente “ensinam” a prática do jornalismo.

Lançado em 31 de outubro de 2005, um dia das bruxas, continuou com a proposta de resolver problemas que no cotidiano os jornais não ousavam enfrentar, talvez pelo ritmo de produção que impedia a reflexão. Na primeira edição já trazia uma proposta de evento: o “Halloween do sacy”, recuperando o “Inquérito sobre o sacy” que Monteiro Lobato desenvolveu no jornal *O Estado de S. Paulo* no início do século XX, e a abordagem de valores, santos da casa que aqui não fazem milagres. O poeta Manoel de Barros<sup>8</sup>, o escritor Ricardo Dick e o artista plástico Wladmir Dias Pino<sup>9</sup> foram outorgados com homenagens num evento promovido pela Secretaria de Cultura, a Literamérica.

Manoel de Barros, apesar do assédio dos jornalistas, não se dispôs a dar entrevistas. Recomendou aos jornalistas que faziam a cobertura do evento que escrevessem o que quisessem a respeito dele. Os jornais, então, não escreveram. Uma pesquisa na internet levou à elaboração de uma entrevista imaginária na qual, com base em respostas a entrevistas e declarações feitas ao longo de sua vida, foi construído um perfil publicado no *Ponto sem*.

Wladmir Dias Pino foi entrevistado durante a Literamérica e Dick, ausente do cotidiano pela submissão ao mal de Parkinson, foi contemplado nas páginas do jornal apenas com a notícia de sua premiação.

O jornal *Pontosem Notícias* continua a ser editado com a participação de alunos que desejam aprofundar a prática da reportagem. Buscou parcerias institucionais para a venda de assinaturas e resulta num projeto experimental denominado “upgrade cultural”, com o objetivo de adequar o pensamento e os procedimentos do jornalista às novas tecnologias, visando à formação de uma opinião sobre a responsabilidade social e a prática do jornalismo impresso nos dias de hoje.

Além da abordagem de fatos por meio de reportagem, o *Ponto sem* também insere em suas páginas crônicas sobre períodos históricos de Mato Grosso e aborda as manifestações do jornalismo em tempos passados e no presente, como acessório indispensável ao segundo principal público a quem é dirigido: alunos e ex-alunos. O primeiro principal público encontra-se dentro de uma potência maçônica, as Grandes Lojas de Mato Grosso, com quem firmamos um convênio de 1.800 assinaturas (a preço subsidiado para garantir a circulação, ter um público de referência e conquistar anunciantes).

Embora não mantenha a periodicidade mensal proposta em seu projeto, serve de exemplo prático para os alunos e recém-formados que não enxergam perspectiva no mercado de trabalho. Nesta fase já vive seus primeiros dias de contemporaneidade com a elaboração de uma home page ([www.pontosem.com](http://www.pontosem.com)), na qual a proposta é assimilar no jornalismo on-line as necessidades do jornal diário, com a interpretação dos fatos cotidianos. A proposta prevê o envolvimento dos alunos com base em um treinamento (estagiário remunerado) que parte do princípio de que as técnicas do jornalismo se resumem às técnicas de abordagem do fato em gêneros clássicos como o informativo, o interpretativo e o opinativo, além da crônica diária, de certa forma esquecida pelos jornalistas de Mato Grosso, preocupados com a cobertura diária no modelo “pauta-ordem de serviço”. Esse modelo, conforme constatação nas redações, não só inibe a criatividade do repórter como também aliena sua atuação, apresentando para a cobertura temas nem sempre relevantes, usados para preencher as páginas dos jornais com noticiário local.

No jornal impresso trabalhamos com o conceito de reportagem apresentado por Moniz Sodré e Maria Helena Ferrari<sup>10</sup>, estudamos as *Páginas Ampliadas* de Edvaldo Pereira Lima<sup>11</sup>, textos do estilo de Sérgio Villas Boas<sup>12</sup> e tudo o que remete a um jornalismo de qualidade. Só que, diferentemente desses autores, discutimos o chamado “jornalismo literário” na busca da demonstrar que o jornalismo conflita com a literatura só no quesito objetividade do fato, devendo ambos manter as mesmas qualidades.

Se a literatura é caracterizada por um texto ficcional e o jornalismo se pauta pela realidade, há um paradoxo criado com a inserção do jornalismo de qualidade e dos livros de reportagem que, num primeiro momento, caracterizaram o chamado “novo jornalismo” e que hoje podem se tornar opção de trabalho do jornalista para uma produção mais aprofundada e de maior fôlego. É nessa linha que impulsionamos um estudo de abordagem do Domo Araguaína<sup>13</sup>, um fato com atributos mundiais, para proceder a integração interinstitucional.

O Núcleo de Jornalismo continua como proposta de referência acadêmica extra-sala de aula e no mês de março de 2007 instalou-se no Instituto Várzea-Grandense de Educação (IVE), instituição privada que mantém curso de jornalismo e promove uma discussão interinstitucional com o curso de jornalismo sediado no campus da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat), no município de Alto Araguaia, na tentativa de realizar um intercâmbio nos moldes propostos pelo educador Celestín Freinet<sup>14</sup>.

A evolução da proposta do Núcleo é a de se inserir nas discussões sobre o dilema de fazer jornalismo impresso quando o tempo do fato e o tempo da notícia se dão concomitantemente, podendo causar o envelhecimento da abordagem, sentido naquele bordão que encerrava o *Jornal da Globo* nos tempos da apresentadora Ana Paula Padrão, que apregoava: “você acabou de ver as principais notícias do jornal de amanhã”.

Buscamos as referências que norteiam esse debate do fazer jornalismo em tempos de on-line no texto de uma palestra de Thomaz Elói Martinez<sup>15</sup>, apresentado no Congresso da Sociedade Interamericana de Imprensa (SIP), em que ele se propunha a responder como deveria ser a abordagem do fato pelo jornalismo impresso no dia seguinte, quando todos já haviam visto ao vivo e a cores o episódio levado ao ar no dia anterior.

## Notas

- 1) MATTELART, Armand; MATTELART, Michèle. *História das teorias da comunicação*. São Paulo: Loyola, 2003. p. 41.
- 2) O *Pravda*, no período da Guerra Fria, com certeza “vigia” valores expressos pela URSS, enquanto o *New York Times* desenhava um mundo diferenciado.
- 3) Chaparro, Carlos. Falta cérebro nas redações. 16 out. 2003. Disponível em: <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/asp2110200392.htm>. Acesso em 14 maio 2006.
- 4) Domenico de Mais, professor de sociologia do trabalho na Universidade Sapienza, em Roma, e autor de *A Emoção e a Regra* e *O Ócio Criativo*, entre outras obras, proferiu palestra na UFMT em junho de 2003, com o tema “Comunicação e poder”.
- 5) Ricardo Guilherme Dick é o mais importante escritor contemporâneo de Mato Grosso.
- 6) João do Rio é o pseudônimo do acadêmico Paulo Barreto, que ocupou a cadeira 26 da Academia Brasileira de Letras. “A rua”, disponível em <http://www.almacarioca.com.br/jdorio01.htm>.
- 7) Flauta Mágica é um projeto de orquestra de flauta que envolve jovens do bairro Jardim Vitória, na periferia de Cuiabá.

- 8) Manoel de Barros é poeta cuiabano radicado em Mato Grosso do Sul. Seus últimos prêmios foram: 2000 — Prêmio Academia Brasileira de Letras, com o livro *Exercício de Ser Criança*; 2002 — Prêmio Jabuti de Literatura, na categoria livro de ficção, com *O Fazedor de Amanhecer*; 2005 — Prêmio APCA 2004 de melhor poesia, com *Poemas Rupestres*.
- 9) Wladimir Dias Pino é poeta visual integrante do movimento concretista. Participou da *Exposição Nacional de Arte Concreta*, em 1956, no Masp. Publicou *Solida* em 1952, o primeiro livro-poema brasileiro. Em 1956, publicou *A Ave*. Mais tarde rompeu com o concretismo. Em 1967, com Álvaro de Sá e Neide Dias de Sá, organizou na Esdi a exposição *Lançamento do Poema-Processo*.
- 10) SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. *Técnica da reportagem*. São Paulo: Summus, 1996.
- 11) LIMA, Edvaldo Pereira. *Páginas ampliadas*. 3. ed. São Paulo: Manole, 2004.
- 12) VILAS BOAS, Sergio. *O estilo magazine: o texto em revista*. São Paulo: Summus, 1996.
- 13) Domo Araguinha é um fenômeno determinado pela queda de um astro celeste em Mato Grosso há 245 milhões de anos que determinou a extinção de 90% da biodiversidade do planeta Terra.
- 14) Celestin Freinet é um educador francês que utilizou o jornal impresso para alfabetizar e estabelecer uma rede de relações entre escolas na primeira metade do século XX. *Videocoleção Grandes Educadores*. Apresentação Rosa Maria Whitaker Sampaio. São Paulo: Paulus, 2005.
- 15) MARTINEZ, Tomaz Elói. Periodismo y narración: desafíos para el siglo XXI. Conferência pronunciada na assembléia da SIP em 26 de outubro de 1997, em Guadalajara, México. Disponível em: <http://sololiteratura.com/tom/tomartperiodismo.htm>.

### Referências bibliográficas

- BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BARBERO, Jesús Martín. *Dos meios às mediações*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.
- BELTRÃO, Luiz. *A imprensa informativa*. São Paulo, Folco Masucci, 1969.
- BENDER, Flora; LAURITO, Ilka. *Crônica*. História, teoria e prática. São Paulo: Scipione, 1993.
- CHAPARRO, Manuel Carlos. *Pragmática do jornalismo*. Buscas práticas para uma teoria da ação jornalística. São Paulo: Summus, 1994.
- DEBRAY, Régis. *Acreditar, ver, fazer*. Bauru: Edusc, 1999.
- HENN, Ronaldo. *Pauta e notícia*. Canoas: Ulbra, 1996.
- HENN, Ronaldo. *Os fluxos da notícia*. Rio Grande do Sul: Unisinos, 2002.
- FRIEDMANN, Adriana. *Dinâmicas criativas*. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.
- KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. *Os elementos do jornalismo*. São Paulo: Geração Editorial, 2003.
- LAGE, Nilson. *A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

- LAGE, Nilson. *A estrutura da notícia*. São Paulo, Ática, 1992.
- LAGE, Nilson. *Controle da opinião pública*. Um ensaio sobre a verdade conveniente. Petrópolis-Florianópolis: Vozes-Ipej, 1998.
- LOBATO, Monteiro. *O Sacy-Pererê: resultado de um inquérito*. Rio de Janeiro, Gráfica JB S/A, 1998.
- LOPES, Dirceu Fernandes; SOBRINHO, José Coelho; PROENÇA, José Luiz. *Edição em jornalismo impresso*. São Paulo: Edicon, 1998.
- HOHLFELDT, Antonio; MARTINHO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga. *Teorias da comunicação*. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.
- MEDINA, Cremilda. *Entrevista: o diálogo possível*. São Paulo, Ática, 1990.
- MEDINA, Cremilda. *Jornalista: profissão responsabilidade social*. São Paulo: Forense Universitária, 1982.
- MORIN, Edgar. *O método 1 e 2*. Lisboa, Biblioteca Universitária. 3. ed. 1997.
- MORIN, Edgar. *O método 5: a humanidade da humanidade*. Porto Alegre: Sulina, 2002.
- NOBLAT, Ricardo. *A arte de fazer um jornal diário*. São Paulo: Contexto, 2002.
- PORTO, Tânia Maria Esperon. *Redes em construção: meios de comunicação e práticas educativas*. Araraquara: J.M. Editora, 2003.
- RITO, Lúcia (Org.). *Imprensa ao vivo*. São Paulo, Rocco, 1989.
- SODRÉ, Muniz. *Reinventando a cultura*. A comunicação e seus produtos. Petrópolis: Vozes, 1996.
- TAHAN, Malba. *O homem que calculava*. Rio de Janeiro: Record, 1985.
- MÜLLER, Antonio Rubbo. *Teoria da organização humana*. São Paulo: Escola de Sociologia e Política, 1998.
- WAINER, Samuel. *Minha razão de viver*. São Paulo, Record, 1988.

\* **Aylton Segura** é mestre em ciências da comunicação pela ECA/USP. Jornalista há 35 anos, passou por diversos veículos, como jornal *Cruzeiro do Sul* (Sorocaba/SP), *A Gazeta Esportiva*, Agência Folha, *Veja* regional (MT), *Diário de Cuiabá* e *Folha do Estado*. Ex-coordenador de Comunicação do Governo do Estado e ex-professor da Unemat, atualmente dá aulas na UFMT, onde coordena o Núcleo de Estudos de Jornalismo e edita o jornal experimental *Pontosem Notícias*.